

52 anos

SE O GAIATO foi, de toda a herança que Pai Américo nos deixou, a porção que mais medo nos metia (e mete, cada quinzena, na hora de o fazer!), também é verdade que por ele nos chega uma força imensa, o alento de muitos dias difíceis, a prova provada de que não estamos sós.

Que seria a Obra sem ele? Como poderíamos assumi-la se não soubéssemos e sentíssemos os efeitos desta circulação do amor fraterno, que é a essência da Lei, e começa, com certeza, no Coração de Deus e se renova n'Ele e nos percorre, a nós e a tantos que partilham a nossa vida e vivem em comunhão connosco?

O GAIATO é o órgão desta circulação. Ele é artérias que levam sangue e veias que o trazem de novo. Tudo começa no Coração de Deus, e por Ele passa constantemente — Alvéolo que purifica as nossas intenções e acções e lhes dá o vigor. Sem Ele, mas também sem esta circulação que Ele promove, viria o cansaço, o envelhecimento irreversível, a extinção natural do que momentaneamente foi luz.

A perene juventude d'O GAIATO ao longo destes cinquenta e dois anos da sua existência só assim se explica: Órgão da circulação do amor fraterno que Deus promove e conserva.

Vejam o testemunho «*deste pequeno amigo e irmão*», um jovem sacerdote, que recebemos há tempos:

«Não penso nunca n'O GAIATO como um jornal de que é preciso pagar a assinatura — só vou conseguir pagar todo o bem que me faz pelo bem que Deus me ajuda a ir fazendo (e é sempre tão pouco!). Estas páginas de Evangelho em carne viva devoro-as logo que chegam e são alento para a minha missão sacerdotal. Rezo por vós e deixai-me enviar esta migalha da minha mesa só para agradecer.»

O bem que O GAIATO lhe faz, é estímulo para mais bem que «*Deus o ajuda a ir fazendo*». O «*Evangelho em carne viva*» é alento para a sua

Continua na página 4



A perene juventude d'O GAIATO também expressa nas faces do «Cebolinha» e do Humberto

SETÚBAL

Colaborar com a Escola

A senhora directora de turma de uma Escola, de Setúbal, onde estudam os rapazes do 7.º e 8.º anos desta Casa e que tem como alunos de inglês seis deles, combinou com os seus discípulos fazerem um estudo sobre a Casa do Gaiato.

A senhora é do Porto.

Quando aqui foi colocada surpreendeu-se agradavelmente de saber que também a cidade do Sado desfrutava de uma Obra destas e que a poderia avaliar de perto, nos seus alunos.

De acordo com todos, numa das reuniões a que me convocou como encarregado de educação, falou-me do projecto e da sua alegria.

Sim senhora, teremos muito gosto em colaborar com a Escola, mas, olhe que não é

fácil ter uma ideia mesmo aproximada daquilo que é uma Casa do Gaiato. Poderá analisar os frutos, mesmo sem conhecer o viveiro de onde foram arrancadas as árvores, mas perceber como chegamos lá é muito difícil dado que ninguém faz como nós fazemos.

O método é claro; mas, como é normal nos empreendimentos educativos simples, a sua concretização é complicada, difícil de compreender e muito exigente na prática.

A Casa do Gaiato é uma Obra Nova, realizada ao arripio de tudo quanto se faz por esse mundo fora para os sem-família. Nova e desconhecida.

Emprestei à senhora directora alguns livros da nossa editora para que os rapazes e

Continua na página 4

Benguela

Importa salvar a família a todo o custo

SOMOS a favor da família. Não há valor social maior. Onde houver, ainda que seja um resto de família válido, queremos aproveitá-lo. Isto vem a propósito dos pedidos constantes para receber meninos na Casa do Gaiato, tendo ainda um ou outro familiar de coração bom. Por detrás destes pedidos, está a dificuldade económica, verdadeira catástrofe que se abateu sobre este pobre povo. Apesar de tudo, temos resistido; primeiro, porque é na família de sangue, quando ela existe e é capaz, que a educação deve ser feita; depois, ajudamos, dentro das possibilidades, naquilo que é mais necessário, dentro da família: material escolar, vestuário, medicamentos... Importa salvar a família, a todo o custo.

É verdade que há uma degradação generalizada, a todos os níveis, da família angolana. Mas não

Continua na página 4



Doze casas à volta do largo com um pequenino monumento

Património dos Pobres

Abençoadas casas construídas para os Pobres

FOMOS em direcção ao centro do Alentejo. Tanto se tem falado e escrito daquele povo e pouco ou nada se tem feito. Parámos na primeira vila, airosa, com um grande santuário nacional. Maravilhou-nos a rua principal ladeada por laranjeiras e carregadas de fruto maduro.

Procurámos, e um vicentino com três Pobres à sua conta acompanhou-nos ao bairro do Património. Doze casas à volta do largo com um pequenino monumento. Bem

Continua na página 4

Colaboração dos Leitores

N. da R. — Eis algumas das muitas cartas recebidas diariamente, todas com seu cunho próprio e uma ou outra testemunhando o sentimento de gerações: «Conheci a Casa do Gaiato — a Obra da Rua — era ainda criança...» — diz uma Mãe, de Alcortim. Obviamente, de todos os pontos de vista, as visitas de crianças e jovens, a nossas Casas, são muito proveitosas. O amanhã de um mundo melhor!

Toda esta gente «devora O GAIATO de fio a pavio», qual «leitura obrigatória» — de «coração aberto». E levam tão alto a sua devoção, que um deles afirma para nossa humildade: «o 'Famoso' continua a ser um motivo forte que me ajuda a estar de pé» — «preocupado com os mais pobres». Exactamente porque o pequenino revolucionário motiva fraternidade, amor aos Outros, aos mais pobres, tendo como pedra angular o Mandamento Novo.

Leio sempre o Jornal

É em seu nome que continuo, como sempre, a dirigir-me à querida Obra da Rua, pela qual me apaixonei há 50 anos. Leio sempre com o mesmo entusiasmo, de ponta a ponta, o vosso pequenino-grande Jornal. É este que hoje me traz aqui, com um cheque (e pena de não ser mais).

Assinante 5891

Paragem que nos acorda

As corridas da vida nem sempre nos deixam pensar nos que mais precisam. É uma realidade. Mas há sempre um momento de pausa, capaz de nos fazer reflectir... parar... olhar para outras realidades.

A melhor paragem que nos acorda deste ritmo da vida, é a chegada do «Famoso» — leitura obrigatória... muito benéfica.

Assinante 43229

Como se pode transmitir tanta beleza e amor!

Acabo de ler mais um número d'O GAIATO e afirmo que nem um dos assuntos ficou por ler. Tudo calou bem fundo no meu coração.

É admirável verificar como no meio de adversidades e dificuldades se pode transmitir tanta beleza e amor! Como é grande a força de Deus! E a Obra da Rua é bem o testemunho

dessa Força. E só assim, através de todos os tempos, continua a ser uma Obra bem viva de amor a Deus e ao Próximo.

Cada vez que leio O GAIATO renova-se em mim uma grande vontade de tudo fazer, seja o que for, para ajudar os coraçõezinhos que formam a Obra da Rua, apesar dos meus 74 anos já não favorecerem muito as iniciativas espontâneas.

Assinante 11010



Temas de muita importância

Falando agora propriamente d'O GAIATO, peço e desejo que continue a ser um veículo de informação, tanto no nosso País como além fronteiras, pois todo o seu conteúdo e temas são de muita importância, quer como mensageiro da vida cristã quer a nível sócio-económico.

Assinante 9097

Se muito tivesse...

Com os desejos de um ano cheio de saúde e paz, venho pagar o ano de 1996 d'O GAIATO e como me aumentaram 840\$00, mando mais 1000\$00 que o ano passado ou sejam 3.000\$00.

Se eu muito tivesse, muito dava, mas fica-me a vontade.

Assinante 27481

Fazer algo pelos Pobres

Quem quiser fazer o bem que agrada a Jesus Cristo, basta abrir e ler sempre

Gaiato

O GAIATO. Depois, ir e fazer também algo pelos mais pobres. Quem queira actuar com o coração, não há dúvida que pode buscar a receita e o medicamento ao vosso Jornal.

Que os vossos meninos se tornem, também eles, homens bons, de coração cheio de generosidade.

Assinante 47528

Quero penitenciar-me

Peço perdão a todos aqueles que com tantos sacrifícios, mas com alegria, fazem da sua vida um constante louvor a Deus, servindo os que mais precisam. Quero penitenciar-me da minha falta e prometer que doravante serei mais pontual.

É com sofreguidão que leio O GAIATO logo que

chega e agradeço a Deus nunca ter permitido que, face à minha falta, nunca deixasse de o receber.

A sua leitura é preciosa. É o evangelho do nosso dia-a-dia; e ao meditá-lo, penso em como é grato a Deus ter pessoas que muito amando, se dão tanto aos Outros.

Assinante 14586

Notícias fortes

O GAIATO continua a ser um motivo forte que me ajuda a estar de pé!

Os anos passam, a Obra que começaram nunca mais pode parar.

Notícias fortes, como a entrega do processo de Beatificação do Pai Américo foi um acontecimento que marcou o ano de 1995.

Com dificuldades vou continuando a minha cami-

Assinante 14666

Coração aberto

Hoje, numa pequena vaga de trabalho, peguei nos jornais da semana para os ler e, logo em cima, estava O GAIATO que é sempre o primeiro que ponho em dia, pois a sua leitura leva-me a uma revisão de vida e ao mesmo tempo a um louvor a Deus, porque Ele sabe fazer chegar até nós a grandeza do Seu amor, através de factos e acontecimentos que, à primeira vista, pareceriam pequenos e insignificantes. Porém, vistos de coração aberto, como eles são grandes e maravilhosos, enchendo o nosso espírito!...

Pobres são a imagem viva do Senhor, como sabemos pela nossa doutrina.

Desde longa data, tomei conhecimento com a Obra de Pai Américo. O meu primeiro e único contacto com o santo sacerdote aconteceu em Santiago do Cacém. Vinha ele acompanhado do Júlio Mendes. Como apreciei a sua fala quente e profundamente repassada de piedade e energia! Eis porque não posso olvidá-la. Desde então passei a ser entusiasta da Obra por ele criada.

Já anos antes, sendo colegial em Tuy, vi o futuro Pai Américo acompanhado doutro homem. Iam para o noviciado em Vilarinho de la Ramalhosa, a 25 km de Tuy.

(...) Quantos passaram por essa Obra e lhe devem tudo o que são na vida! Educaram-nos, saídos do nada, da vadiagem, da rua.

Assinante 17380

Valiosa presença

Com 60 anos e uma grande família para cuidar (8 pessoas), o mais difícil nem é juntar estas pequenas migalhas mas sentar-me a escrever umas linhas, que mais não seja com a intenção de as valorizar (às migalhas), dizendo uma vez mais quão valiosa e consoladora é a presença do querido O GAIATO que sempre leio como a um livro de meditação.

Assinante 31624

Devorado de fio a pavio

O GAIATO é devorado por mim, de fio a pavio, lendo e meditando tudo o que encerra. Faz memorar, sobretudo, a obrigação de viver pobremente, e assim economizar fundos destinados aos que precisam, a fim de sofrerem menos e isto porque eles são os irmãos estimados, especialmente, por Jesus Cristo, pois os

nhada, mas recebo mais do que dou.

Quando fui a Viana do Castelo ainda sonhei passar por Paço de Sousa, mas por razões de saúde a família vetou o meu plano!...

Com a alegria de juntar uma pequena ajuda só agradeço o favor de a receber.

Assinante 34288

CORREIO DE FAMÍLIA

Estou feliz!

Faço hoje 20 anos de casado! Não é ainda tempo de fazer memórias, mas estou feliz!

Este ano não fui a Paço de Sousa, como gostaria. Espero no próximo ano voltar ao ritmo anterior.

O cheque que segue, sem prejuízo de o destinar a qualquer outro fim, estava a pensar pudesse ajudar a viúva e a filha daquele rapaz que faleceu de repente e tem de pagar a prestação da sua habitação. Ficaria satisfeito com tal destino; porém, poderão existir outras prioridades...!

Peço que me diga como ficou o caso com o Banco e com os tribunais sobre a casa, a prestação, etc.

Jorgito

Preocupado com os mais pobres

Sempre que leio o Famoso, passa-me pela mente a figura de Jesus, preocupando-se sempre com os mais necessitados, os mais pequeninos. É o Evangelho vivido e sofrido no vosso dia-a-dia.

Assinante 29636

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro: 72.000 exemplares.

Voz dos Jovens

Atitude correcta!

Finalmente, acho que tomei a atitude correcta! Sempre que recebia dinheiro de prendas de aniversário/Natal gastava-o imediatamente em coisas desnecessárias e fúteis — sem razão fundamentada.

Parei e pensei: — Recebo esta quantia de dinheiro e não quero gastá-lo todo em porcarias inúteis que não são necessariamente precisas. Acho que a melhor maneira de empregar o dinheiro seria para os que precisam.

Espero que o valor (insignificante) do que envio, tenha uma boa utilidade.

David (16 anos)

Somos todos irmãos

Desejo inscrever-me assinante d'O GAIATO e assim partilhar também para as crianças abandonadas e por vós acolhidas.

Vindo de férias, achei-me na obrigação de contribuir com o pouco que posso, pois tenho apenas 16 anos.

Era bom que toda a sociedade contribuisse para estas instituições.

No fundo, somos todos irmãos e nesse sentido devemos ajudar aqueles que mais precisam do nosso carinho e amor.

Assinante 65939

Perdi o meu pai

Há milhares de pessoas e crianças que, por esse mundo fora, necessitam de muita ajuda. E pelo que tenho lido n'O GAIATO, recebem muitas crianças sem família, sem casa, que precisam do apoio de alguém.

Gosto muito de ler o vosso Jornal porque tudo o que escrevem, é com um grande carinho. Até quem lê com atenção e devagar, melhor nota o significado das palavras. Gostam de ajudar os que mais necessitam — e muito bem!

Temos de ser bons uns para os outros, tal como Jesus: foi sacrificado e morreu por nós. Temos de O retribuir e dar-Lhe bastante valor.

Tenho 18 anos. Vivo sozinha com a minha mãe, que tem 51. Perdi o meu pai, há 4 anos. Desde que faleceu, tenho muitas dificuldades na vida. O que me tem valido e à minha mãe, é termos sempre a ajuda de uma irmã e do marido, porque, se não, não sei o que seria de nós! A minha mãe trabalha no campo, mas nem sempre há trabalho. Eu não estudo. Ando à procura de emprego.

Assinante 65203

Ecoss d'África

Uma nota sobre Benguela obrigou-nos a reflectir

Nunca mandámos nada para essa Casa, mas há sempre uma altura em que nós paramos, pensamos e reflectimos.

Tantas pessoas que precisam e nós sempre num corre-corre, sem pensarmos um pouco nos Outros.

Lenos uma edição d'O GAIATO sobre Benguela que nos obrigou a reflectir.

Assinante 53437

As necessidades da maioria da população mundial

É meu costume, logo que recebo O GAIATO, passá-lo a «pente fino» para não escapar qualquer notícia, pois todas interessam.

Graças a Deus que ides reconstruindo as Casas que tendes em África, para o que muito também têm contribuído algumas dádivas, mas sempre anónimas, o que valoriza imenso a razão de ser da vossa Obra. Pena é que eu não possa fazer o mesmo, porque a minha vida não o permite.

Por outro lado fico preplexo perante o actual esbanjamento de dinheiros «fáceis» de adquirir, face às necessidades da maioria da população mundial. É dinheiro deitado à «rua». Pena é que não tenha o destino dos... Rapazes da Rua.

Assinante 16404

OBRA DA RUA

Voltei a encontrar os Gaiatos

Conheci a Casa do Gaiato, a sua acção, era ainda criança, quando, na Missa de domingo, pelo menos uma vez no ano, escutava um Padre acompanhado de um ou dois pequeninos, anunciando a Casa do Gaiato. Foi então que ouvi falar do Padre Américo, nos dramas daqueles meninos e a forma como tinham chegado até sua Casa. Lembro que chorava, de tristeza. Mas tão pequena, não podia ajudar.

Cresci. Fui mãe. Hoje tenho, com a graça de Deus, três filhos. Em consequência deles, porque as duas raparigas estudavam em Coimbra, voltei a encontrar os Gaiatos do Padre Américo nas ruas daquela cidade.

Hoje já compreendo o drama das suas curtas vidas. Quando os vejo, lembro os meus «meninos», e o meu coração de mãe não resiste à imensa ternura e à tranquilidade daqueles olhinhos que sabe Deus quantas lágrimas já verteram. Agora entendo porque sentia tristeza quando em pequenina ouvia as histórias que aquele Padre contava aos fiéis na Missa de domingo.

Obrigada pelo vosso testemunho. Numa sociedade como a nossa, cheia de egoísmo e pressa de viver, haver quem tenha tempo para olhar para o lado e dar a mão ao seu semelhante, merece tudo o que de bom se pode desejar para alguém; merece, acima de tudo, o maior respeito dessa mesma sociedade.

Assinante 64837

Vivência do dia-a-dia

Quando recebo o Famoso leio-o de fito a pávio. Tanto faz adormecer à uma como às duas. Primeiro leio O GAIATO. Para mim a melhor «doutrina», junto dos leitores, crentes ou não, é aquela que nos transmite a vossa vivência do dia-a-dia com os rapazes: as horas da refeição, as pegas, os momentos de carinho e de rebelião, tudo aquilo que se passa na vossa Família, e que nos faz viver, participar e rezar por ela.

Quando morreu o Pai Américo, que tive o gosto de conhecer pessoalmente, (tenho 64 anos) pensei como tantos

outros: — Que será agora da sua Obra!? Quem terá coragem de prosseguir no seu caminho, de levar a sua cruz? Mas Deus é grande e junto d'Ele está agora esse grande Homem que, lá do Céu, nunca deixa de acompanhar os seus filhos.

Não tenho dúvida de que ajuda os seus seguidores, transmitindo força e coragem para prosseguirem. Quem, se assim não fosse, sem a força do Altíssimo, poderia racionalmente deixar família, comodidades, bens ordenados, vida livre, etc., para se fazer Padre da Rua e se dedicar de alma e coração aos Pobres, aos desgraçados que nada têm e nada esperam do egoísmo dos homens? Só Deus os ilumina e lhes dá força; e, para tal, também o Padre Américo.

Assinante 16297

O privilégio de chegar a conhecer Pai Américo

Desloquei-me com familiares à Casa do Gaiato, que tive a felicidade de então conhecer, embora desde há longa data seja admiradora da Obra da Rua, isto independentemente do meu agnosticismo.

Tive o privilégio de chegar a conhecer o nosso tão querido Pai Américo e recordarei para sempre tais momentos. Li todos os seus livros e considero-o não apenas como Homem que soube amar como poucos o seu próximo, mas também como um grande escritor da Língua Portuguesa.

Quando me desloquei à Casa do Gaiato, levei comigo várias pessoas de bastante idade e coube-nos como cicerone um menino simpatíssimo que nos acompanhou até virmos embora. Era hora de ir para a piscina... Por várias vezes disse-lhe que conseguia desencilhar-me sozinho, mas ele, com imensa serenidade e humanidade, respondeu que em primeiro lugar estavam os idosos e depois é que viriam as brincadeiras. As suas palavras calaram-me bem fundo, até porque se notava perfeitamente que eram autênticas.

Constança

Consciência diária

Bem haja a todos os que colaboram n'O GAIATO e pelo que fazem chegar até nós, quizenalmente. Através dos anos, e por sua causa, vamos corrigindo a nossa igreja doméstica e modificando o nosso agir para com os irmãos, sentindo bem a nossa pequenez; e como estamos, por causa desses mesmos irmãos, em falta continuada para com o Senhor Deus, que a todos criou e amou até à morte. Obrigado por fazerem parte viva da nossa consciência diária!

Assinante 7982

Cumpro a minha palavra

Faço chegar a minha mensagem de amor e partilha; este cheque em nome de todas as crianças do mundo, pelas quais escrevi e compus a minha canção «Renascer dum sonho», com a qual concorri ao 7.º Festival da Canção da (minha) cidade. Tendo ganho 40.000\$00, prémio do qual prometi metade à vossa Casa.

Aqui estou eu, com a sinceridade de filho de Deus, a cumprir, com todo o amor e carinho, a minha palavra pela vossa Obra.

Bem haja Padre Américo... Por favor não me agradeçam, para que nunca saiba a minha mão esquerda o que fez a direita.

Continuem o vosso trabalho... Sempre!

Luís

Desabafo duma mãe

Aceitem esta migalha dada com muito amor.

A oração também vos faz muita falta e eu algumas vezes me uno a vós, pedindo ao Senhor a Força que vos é necessária para levar esse barco a bom porto!

Também tenho sofrimentos de todos os dias... Os filhos, às vezes, amarguram-nos muito a vida. Peço que rezem por um que muito precisa.

Obrigada e toda a graça do Senhor para os que trabalham na Obra da Rua.

Assinante 14125

Não esqueçam os que labutam nesta sociedade tão desigual...

É do fundo do coração que envio este pequeno grão de milho, para o que de momento for mais preciso. Poderia e queria dizer muito mais palavras, mas neste momento a emoção é demais. Peço a Deus que a vossa força de vontade e a dedicação que tendes pelos que mais precisam não cesse, e que nas vossas orações não se esqueçam de nós, aqueles que labutam nesta sociedade tão desigual...!

Assinante 61940



Uma bela moradia da Casa do Gaiato de Malanje



Felizes pelo baptismo de voo no aeroporto de Pedras Rubras

Património dos Pobres

Continuação da página 1

cuidadas e todas com quintal. Na ausência do pároco atendeu-nos o farmacêutico.

Semanalmente os vicentinos entregam aos seus Pobres um documento para o pão e leite de todos os dias.

Entrámos numa das moradias. Dum viúvo que ainda vive com um filho, desde a inauguração, há trinta anos. Criou seis. A mulher faleceu e lastima a sua falta, pois foi sempre muito doente. Ele trabalhou no campo e depois numa pedreira. Custou-lhes muito a criar os filhos. Ajudou-os a habitação que lhes cederam: — *Abençoadas casinhas que fizeram para os Pobres!* Estavam a almoçar. Toalha e louças sobre a mesa. Os quartos e casa de banho bem arrumados. Quis mostrar o quintal. Hortaliça mimosa. Duas laranjeiras de qualidade. Um cantinho de terra já preparado para receber a batata de semente. Foi todo o acolhimento e simpatia das pessoas com quem contactámos.

Dali fomos parar a outra vila, menos airosa, na encosta do monte. Procurámos dois pequenos que ajudámos a criar. Soubemos que seguiram para outra terra. Desce-mos até ao pequenino «bairro dos Pobres». Uma encosta soalheira. Há ali habitantes, do início, há trinta e sete anos. Dialogámos com o primeiro casal. Idosos. Ele doente, de pan-

cada de máquina. Ambos com pequenas reformas, mas resignados. Criaram quatro filhos, agora arrumados. — *D. Fernanda, vicentina, olha muito por nós* — desabafam.

Entrámos na moradia a seguir. Num pequenino anexo, como todos têm, sentado à mesa, com lareira acesa, um idoso com oitenta e tantos anos, invisível, há muito aos cuidados duma neta, ali presente, que se dedicou a cuidar do avô. Junto aos anexos todos têm um quintalzinho bem amanhado em terreno camarário. Que bom!

De novo a estrada rumo a outra vila. No topo de bairro camarário, as «casas dos Pobres» construídas há trinta e sete anos e já habitadas por terceira geração. Para ali chegarmos, tivemos de pisar lama e rocha à mistura. A Câmara tem prometido fazer a rua, mas fica em promessas. Naquela hora os inquilinos estavam a trabalhar e os filhos na escola. O aspecto exterior é de algum abandono. Procurámos uma habitante, no trabalho, que nos contou o viver pobre daquela gente.

Tomámos, de novo, a estrada que nos levou à capital do distrito. Nesta, há dois bairros do Património dos Pobres. O primeiro, de doze casas feitas há quarenta e dois anos. Conversámos com um dos primeiros habitantes, muito doente dos pulmões. A tosse mal o deixava falar.

Informou que as famílias que ali vivem são numerosas. Todas criaram e têm muitos filhos. Vivem com muitas dificuldades. Os telhados estão a alagar e chove em todos os prédios, sem meios para os reparar. Pediram ajuda, mas responderam que não há verba disponível para este ano. Um filho e um neto transportavam madeira velha, para alimentar a lareira que serve para tudo.

Era rente à noite. O tempo já não chegou para visitarmos o outro bairro. Será para a próxima. Queremos dar conta do viver de muitos irmãos nossos.

Padre Horácio

52 anos

Continuação da página 1

missão sacerdotal. Uma verdadeira circulação não sofre paragens, que «*parar é morrer*». E entre os outros bens que Deus ajuda este «irmão pequenino» a ir fazendo, está o bem que a nós próprios faz e nos alenta também para a nossa missão sacerdotal.

Outro dia, outro venerando sacerdote, este projecto em anos e em obras, em seu escritório de paredes escondidas por estantes repletas de livros, me dizia: «*Quantos livros tinha o Padre Américo?... Quem me dera saber dizer como ele, palavras que ferissem o coração dos homens!*»

É verdade, Pai Américo foi suporte desse dom de Deus. Ferir um coração é metê-lo nesta circulação de vida que passa por quantos se deixam ferir e em Deus começa e n'Ele tem seu fim. O GAIATO é o fruto visível e o instrumento desse dom. E assim, todos que o tomam como «*páginas de Evangelho em carne viva e o devoram*» se tornam também seus autores.

Padre Acílio

Padre Carlos

Benguela

Continuação da página 1

está perdida. Tudo o que fala do regresso à família normal é bem acolhido. É necessário fazer um esforço de gigante, enretanto, no campo da educação e da formação. Vejo, todos os dias, o apego *ao seu lar* das mães que trabalham connosco. Mas que lar? Não há dúvida de que a família é um valor tido em muita conta. Quanto me alegra a preocupação de alguns pais e mães por uma casa grande, onde caibam os filhos e filhas sem estarem misturados. Casa grande, quer dizer, não uma cubata com uma pequena divisão apenas. Como fiquei triste, porém, quando, há dias, fui ver uma casa grande para um dos nossos trabalhadores e houve que desistir, porque nem ele nem eu tínhamos o dinheiro para comprar as 20 chapas de luzalite para a cobrir. Já foi à busca doutra mais pequena.

Quando a situação estabilizar mais um pouco, com a instauração da paz definitiva, o movimento dos pequenos auxílios à construção da habitação própria há-de chegar aqui, também. Nesta zona que foi lugar de refúgio de muita gente do interior, muitas famílias estão à espera de regressar às suas aldeias de origem. Por isso, vivem em habitações provisórias que serão abandonadas quando partirem. A medida que a população estabilizar, havemos de dar a mão de maneira mais organizada, para que as famílias possam ter a sua habitação, a seu jeito, de forma digna. Por agora, vamos ajudando a remendar.

A população é muito jovem

A população de Angola é extraordinariamente jovem. Os meus olhos só vêem crianças, perdoem-me o exagero! Quem vai ajudar estes filhos a ser gente que

viva com dignidade?! É que a maioria dos pais estão em condições miseráveis!

Diante destes problemas e doutros, começámos o nosso dia com as palavras do refrão: «*Mostrai-nos, Senhor, os vossos caminhos; ensinai-nos a vossa Verdade*». Somos pequeninos demais para tarefa tão grande. Mas reconhecemos que é um grande dom participar nesta Obra de reconstrução dum povo inteiro.

Sabemos que os caminhos de Deus passam pelos homens. Deus será anunciado com tanta mais eficácia quanto mais visível for a Sua presença na solução dos problemas que mais degradam a dignidade dos homens. Pai Américo, na sua visão profética da vida, não esqueceu o homem com as necessidades naturais e sobrenaturais. Cada uma satisfeita no seu lugar para que no homem apareça a imagem do Filho do Homem.

Um espaço de humanidade

Passamos, todos os dias, em frente do chamado «Lar da 3.ª idade». É um espaço cheio de humanidade, debaixo da responsabilidade do governo provincial. Angola necessita destas fogueiras, espalhadas pelo seu imenso território. Não para que os mais velhos sejam arrumados das suas casas, como pesos que não podem ser levados no coração dos familiares, mas para que possam acabar dignamente os seus dias aqueles que não têm ninguém. Angola necessita destas fogueiras de humanidade. Deus quer entrar no coração dos angolanos pelo calor humano que estas fogueiras irradiam. Angola há-de humanizar-se com estes gestos dum alcance incalculável. A Igreja tem uma palavra insubstituível a dizer e a fazer. O espaço está quase vazio.

O nosso João pequenino resolveu ir matar saudades, numa tarde, sem dizer nada, a casa das irmãs que primeiro o acolheram. É natural. O abandono deixa muitas marcas. Mas o primeiro acolhimento deixa mais. Porque foi bem acolhido, quis ir... e voltou ao fim da tarde. Temos que ter muita paciência. Estamos bem!

Padre Manuel António

Continuação da página 1

as raparigas pudessem ler e dispus-me a fazer-lhe uma palestra, na sua hora de aula, para apontar algumas características fundamentais que diferenciam esta Obra de todas as que se levantam, por esse mundo além, a pretexto de servirem a criança da rua.

Assim aconteceu: Na hora de inglês os alunos entrevistaram-me com perguntas já preparadas. Não chegámos a meio da conversa, mas a seguir faltou a professora de português, e, após o intervalo, aproveitámos a aula

Setúbal

imediate que era de duas horas.

Foi um tempo espumante! Toda a gente maravilhada e os nossos rapazes orgulhosos, no meio dos colegas, ao pressentirem o espanto.

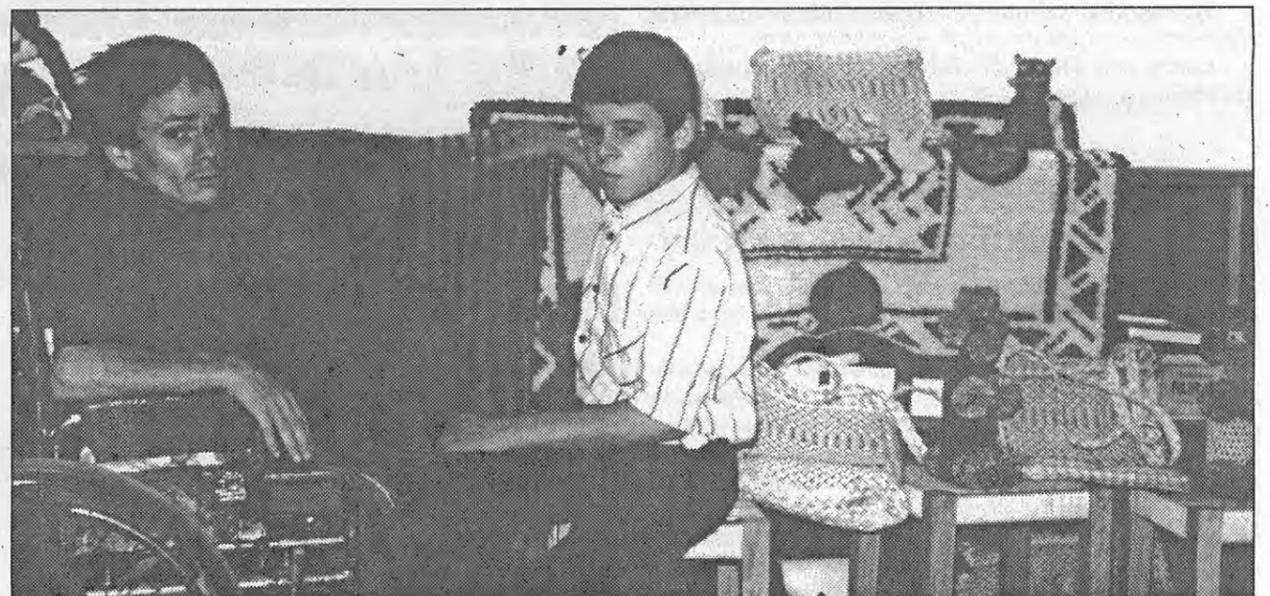
Foi a segunda vez, na minha vida já longa em Setúbal, que encontrei uma oportunidade assim.

Mesmo os professores de Religião e Moral das

Escolas da cidade, normalmente ignoram-nos. Ao contrário de muitos, de outras Escolas, que aproveitam a nossa Obra para uma lição sobre a Fé, visitando-nos e tentando revelar aos discípulos, o Deus que aqui se manifesta.

A senhora professora utilizou o momento para me informar diante de todos, que os seus melhores alunos eram rapazes da Casa do Gaiato.

Foi um doce, no meio da amargura que tem desabado sobre mim e os meus coreanos.



Presença do Calvário